

**José Cardoso Pires, autor, entre outros livros, de «O Anjo Acorado», «O Hóspede de Job», «O Delfim» e «Balada da Praia dos Cães», tem novo romance nas bancas das livrarias — «Alexandra Alpha». Trata-se de uma obra maior, destinada ao sucesso.**

# UM AJUSTE DE CONTAS COM A PÁTRIA MENTIDA

• **EDUARDO GUERRA CARNEIRO**

«**E**STE meu livro pretende ser a capa negra de um ajuste de contas com a Pátria mentida», diz-me José Cardoso Pires, a propósito da sua «Alexandra Alpha».

Assim é: nas 448 páginas deste notável romance o escritor não poupa as críticas a todos aqueles que ajudaram, por palavras ou actos, a um percurso nacional de mentira.

Esse ajuste de contas, antes do mais, é com a sua própria classe — a da média burguesia, a dos intelectuais. De facto, escritores, cineastas, publicitários, gente do teatro ou das políticas, são descritos de uma maneira que transforma essas personagens em seres grotescos — robertos de outra feira das vaidades.

Numa Lisboa-os-sustos, como gostava de dizer o O'Neill, entre 1960 e 1976, Cardoso Pires move os cordelinhos que fazem viver os actores desta tragédia lusitana, com um painel prévio passado no Brasil. E se o romance começa com uma morte, nas praias de Copacabana, vai terminar com outras mortes, nos céus de Portugal.

Da morte de um marginal feito anjo, que se despenha com o seu asa-delta, até à explosão da avioneta, matando as três personagens mais positivas do livro — padre Miguel, Alexandra e Maria —, o desencanto é moeda corrente. Desencanto e sucessivos desencontros, com o anverso de fugazes namoros, efémeras paixões.

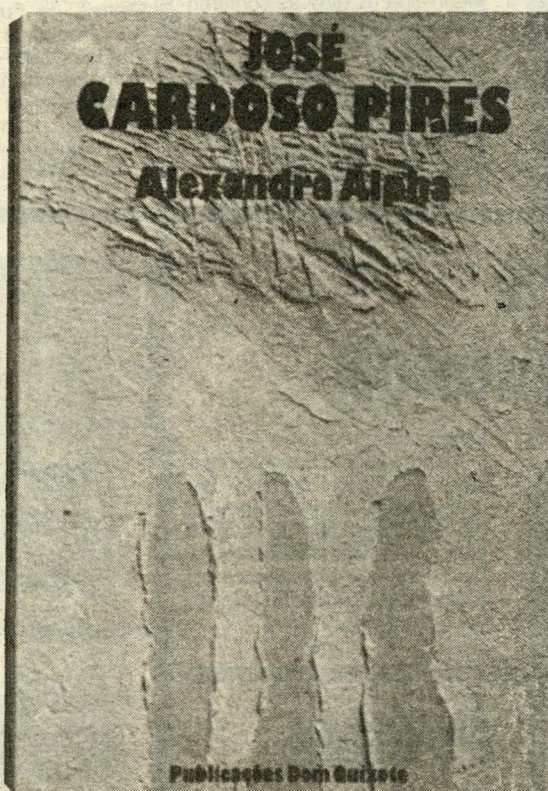
Curiosamente, Cardoso Pires, tão cruel no tratamento das figuras da cidade, mostra-se mais compreensivo para com o velho senhor de uma herdade alentejana — o tio João de Monte Gordo —, um agrário quase aristocrata «de voz enrolada num capote de golas de raposa».

Mesmo quando torna a figura quase caricata (nomeadamente quando o velho fica preso no interior de um alcapão, desdentado, coberto de formigas, apontando a caçadeira a torto e a direito) há sempre um toque de ternura na descrição do homem que pinta os coelhos das Berlenhas e que telefona a Alexandra com tanta assiduidade e desespero: «Sobrinha, sobrinha minha».

Se essa personagem da alta burguesia alentejana é, de certa forma, poupada aos sarcasmos e à ferocidade da escrita de Cardoso Pires, outras figuras, outros figurões, são retocados com requintes de malvezes: o inefável crítico literário Bernardo Bernardes, o escorregadio diplomata Diogo Senna, o vigarista cineasta francês François Désanti, o maricas Afonso das antiguidades, o untuoso cônego Domingos, a volúvel Sophia Bonifrates, o literato «gruyère» Amadeu Frago.

Muitas das cenas do livro passam-se num bar inventado da baixa lisboeta, o Crocodilo, soma de tantos bares mundanos semelhantes que por aí existem e que o autor tão bem conhece. E, a compor a narrativa, a ligar o fio da meada, ali surge Sebastião Manuel, o Opus Night, bêbado quase de profissão, sempre distanciado, contra-ponto de situações, o cínico da história.

Há no livro descrições fabulosas, como por exemplo, a visita de Désanti a uma casa da Rua do Jasmin: «Todo o prédio tinha uma luz comediada, esmaltada e era encimado bem ao centro por



José Cardoso Pires

uma estátua de porcelana (a deusa Ceres?) atrás da qual aparecia antigamente a cabeça de um estofador anarquista que morava ou morou nas águas furtadas» (páginas 132-140).

Recordo uma cena espontânea passada na cave de um dancing lisboeta, o Porão da Nau, assim nomeado, com bifes a cavalo, fotografos de picanço, uísques e mais uísques, a obsessão pelas coxas da primeira mulher de Opus Night, depois freira voadora, depois Sophia Bonifrates, antes travesti em Sevilha (páginas 265 a 272).

E lembro outras páginas magníficas, com «records» cinematográficos, como as cenas da Vila Bertha, ali à Graça, entre os equívocos das fantasiosas relações de Maria com o Doutorzinho, em relato falso à amiga Xana e a Maninha a ouvir a sina e a ligar-se de amores concretos com esse Menino das Bruxas.

Mas há mais para anotar, nestes parágrafos de leitura «impressionista»: o clima fechado, quase de terror, em Monte Grado, vivido nos idos de Março de 75; a impotência do médico que vem da guerra colonial, depois de ter assistido a tantos horrores; a descrição dessa madrugada libertadora que foi o 25 de Abril (páginas 334-352); todas as páginas com a namorada do Beto, a Ana Raquel, no rescaldo da abortadeira; algumas janelas iluminadas; a história ridícula e frustrante dos abaixo-assinados; a descrição ternurenta da

cadela Traviata; o crepúsculo lisboeta; a sede com que se fica depois de algumas sessões de copos ao fim da tarde.

Ainda: quadros de Brueghel com os músicos cegos do Bolero Bar a caírem de borco, amparados uns aos outros, na madrugada já alta do Martim Moniz; uma muito bem conseguida peregrinação de Opus Night pelas ruas da cidade, já pós-25 de Abril, com agressivos murais revolucionários nas paredes, do Cais do Sodré a S. Paulo, por ruelas e becos, culminando num sossegado bar de hotel.

A não esquecer: o poeta Ruy Belo, no romance tratado como personagem do livro. Quando, no início destas prosas, falei em «personagens positivas» convém não olvidar este Ruy Belo, leitor de jornais desportivos e grande bebedor de cervejadas, que no romance começa a ser evocado a páginas 156, em citações no gravador de Alexandra, prossegue a sua descrição na 277, para depois, quase no final do livro (da página 423 à 431), surgir à conversa com a mana Maria. De homenagem se trata, como é óbvio, recordando um dos nossos melhores poetas.

«Este meu livro pretende ser a carta negra de um ajuste de contas com a pátria mentida», dizia-me José Cardoso Pires, a propósito da sua «Alexandra Alpha». Perguntava depois: «Será?»

Claro que sim — e de que maneira!

## O AUTOR

**J**OSÉ CARDOSO PIRES nasceu em 2 de Outubro de 1925 numa aldeia da Beira Baixa. Infância e adolescência passadas em Lisboa. Estuda Matemáticas na Faculdade de Ciências mas abandona o curso para ingressar na marinha mercante como praticamente de piloto. Foi depois intérprete de inglês numa companhia de aviação, director literário de duas editoras e copy-writer de publicidade. Entre 1969 e 1972 leccionou literatura portuguesa e brasileira no King's College de Londres. Posteriormente foi director-adjunto do Diário de Lisboa e, em 1980, voltou a fixar-se em Londres, «residente writer» da Universidade.

Cardoso Pires publicou o seu primeiro livro, «Os Caminhos e Outros Contos», em 1949. Os seus romances «O Hóspede de Job» (1963) e «Balada da Praia dos Cães» (1982) foram distinguidos, respectivamente, com os prémios Camilo Castelo Branco e Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Da «Balada» José Fonseca e Costa fez um filme.

Duas peças de teatro, escritas pelo autor, «O Render dos Heróis» (1910) e «Corpo-Delito na Sala dos Espelhos» (1980), foram levadas à cena, respectivamente pela Companhia do Teatro Moderno de Lisboa, numa encenação de Fernando Gusmão (1965) e pelo Grupo 4, no Teatro Aberto, também numa encenação de Fernando Gusmão (1979).

5 LUGARES

**SEAT Marbella**

5 LITROS AOS 100

**NOVO SEAT**

5 VELOCIDADES

**MARBELLA**

Em todas as estradas de PORTUGAL